

D.N.
11 Maio 1969

Conselhos Sentimentais

1232

RUBEM BRAGA

Volta e meia recebo carta de mulher pedindo conselhos sobre casos de amor. As vezes é uma dessas cartas em que a gente logo vê que a pessoa está querendo é conversa fiada; mas também acontece uma ou outra em que há um tom de sinceridade que impressiona. Sinto que a pessoa está sofrendo mesmo, está precisando mesmo de que alguém lhe diga alguma coisa; e, como não sabe com quem se abrir, escreve para o cronista, na esperança de que este diga uma palavra que a oriente, ou, pelo menos, a console.

Algumas pedem que o cronista lhes responda pelo jornal, e mandam um nome falso; outras dizem honestamente seu nome e endereço.

Já me aconteceu ter vontade de responder a uma dessas cartas, mas sempre me contive. O melhor é jogar a carta fora e não responder. E isso principalmente quando a gente sente que a carta é séria, que ela vem carregada de emoção autêntica, respeitável.

Agora mesmo recebo uma carta que é um verdadeiro apêlo. Pois não atendo a esse apêlo de uma inteligente, e (no momento) infeliz leitora deste jornal. Prefiro que ela me ache um homem duro e frio, indiferente. Porque a verdade é esta: se quem escreve, como eu, pode fazer realmente algum bem a outra pessoa, não será nunca lhe escrevendo: será, simplesmente, escrevendo. O que escrevemos sobre nós mesmos é que pode servir de consólo a outros; o que escrevemos com a emoção, com a necessidade de quem conta o que viveu e sofreu, e não o que escrevemos a pedido, a uma pessoa que não conhecemos, sobre um caso que também não conhecemos. Isso é despacho de consultório sentimental, não é crônica.

Sou um homem já um tanto avançado em anos, e naturalmente vivi e vi alguma coisa. Mas, digo com toda a sinceridade: de coisas de amor não sei nada, não aprendi nada, ou, se aprendi alguma coisa, foi apenas isto: que sou uma tonpeira sentimental e que estou sujeito a todos os enganões comigo mesmo, que dirá com os outros.

Não é, portanto, por frieza ou indiferença que não respondo a tais cartas; é por respeito e humildade. Prefiro dar a decepção de não responder a dar uma resposta evasiva ou então a avançar palpites que podem estar errados. Isso pode ser antipático, mas é honesto.

Em todo caso, para não dizerem que não sou bom sujeito, posso dar um conselho, que servirá para qualquer pessoa em aflição de amor. Não, leitora, meu conselho não é o que você está pensando; não, não vou dizer apenas: «não escreva a ninguém». Pelo contrário: escreva. Escreva a alguém, escreva longamente, intimamente, largadamente, derramadamente, completamente — escreva a alguém de sua amizade e confiança ou mesmo a um cronista de sua estima.

Escrever faz bem. Mandar a carta é que é um erro...

Amanhã explico isso melhor.

Claudia 17e
18
M 804
"A. Traicão"
Recita a
Re medico p - mal
de amor

DN - 6. 5-67